

CLARICE LISPECTOR E CAIO FERNANDO ABREU: DESDOBRAMENTOS DE UM MAL-ESTAR

CLARICE LISPECTOR AND CAIO FERNANDO ABREU: DEPLOYMENTS OF A DISCOMFORT

Cristina Vasconcelos Machado
Mestranda em Estudos Literários
Universidade Federal de Juiz de Fora
(cleucris@ig.com.br)

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo elaborar uma leitura dos contos “Amor” do livro *Laços de família* (1960) de Clarice Lispector e “Afogado” do livro *O ovo apunhalado* (1975) de Caio Fernando Abreu. Nesta abordagem, procuraremos focar como esses autores expressam em suas narrativas desdobramentos das teorias freudianas e da crítica moderna.
Palavras-chaves: Estranho; Mal-estar na cultura; Duplo; Epifania; Mal-estar na modernidade

ABSTRACTS: This paper aims to establish a reading of the short stories “Love” from *Family Ties* (1960), by Clarice Lispector, and “Afogado” from *O Ovo Apunhalado* (1975), by Caio Fernando Abreu. This approach tries to focus on how these authors express in their narratives some of Freud's theories and deployments of modern criticism.

Keywords: Strange; Culture discomfort; Double; Epiphany; modernity discomfort

Introdução

“O homem tem gêmeos que desconhece, espalhados por toda a criação.”
(Murilo Mendes)

Quem seriam esses gêmeos? Por onde estariam espalhados? A frase do célebre poeta Murilo Mendes aponta para uma das inquietações dos seres humanos: existe outro igual a mim? Esse “outro” – ou como teorizou Sigmund Freud o “fenômeno do duplo” – pode estar em qualquer lugar, ou dentro de nós mesmos. Mas, como isso ocorre? O que impulsiona o seu aparecimento? Para tentar responder a essas perguntas, o presente trabalho tem por objetivo analisar como esse “outro” é construído em dois contos, a saber: “Amor”, do livro *Laços de Família* (1960) de Clarice Lispector e, “Afogado” do livro *O ovo apunhalado* (1975) de Caio Fernando Abreu, e, como em certa medida, o “fenômeno do duplo” e o estranhamento podem resultar de desdobramentos de um mal-estar presente na sociedade.

Segundo Freud, em seu livro *O mal-estar na cultura* (2010), publicado em 1930, a cultura/civilização/sociedade regulamenta as relações sociais. Este fato tende a reprimir o indivíduo em sua liberdade individual negando, desse modo, a

satisfação completa dos impulsos. Essa repressão, gerada no indivíduo, redundava em um desconforto ou um mal-estar. Já Sergio Paulo Rouanet, em seu livro *Mal-estar na modernidade* (1993), enfatiza que o mal-estar na modernidade deriva de uma rejeição ao modelo civilizatório iluminista.

Essas duas exposições sobre o mal-estar ou desconforto, sentido pelos indivíduos inseridos em sociedades, se alteram devido ao período histórico no qual estão alicerçadas. Essa indisposição pode ser observada em vários contos e romances do século XX, como os contos tomados aqui para análise.

“Amor”, de Clarice Lispector, faz parte da coletânea intitulada *Laços de família* (1960), que é composto por 13 contos, os quais giram em torno da temática do aprisionamento dos indivíduos pelos “laços de família”. A autora, pertencente ao circuito literário dos anos de 1945, adotou um estilo de escrita em que privilegiava o fluxo de consciência; o rompimento com o enredo factual; metáforas insólitas que muitas vezes refletem o individualismo gerado pela modernidade; quebra com as relações fixas entre as palavras; dentre outras características.

O conto “Afogado” de Caio Fernando Abreu pertence ao livro *O ovo apunhalado* (1975). Esse apresenta uma forte temática individuada. As histórias apresentadas ligam realidade e fabulação de forma que o conjunto de situações e personagens, várias vezes, encontra-se mergulhados em uma atmosfera de violência e amoralismo.

Clarice Lispector: refletindo o mal-estar

Clarice Lispector chegou ao Brasil com dois meses de idade, em 1921. Sua família fugia da perseguição empreendida pela Guerra Civil Russa aos judeus que culminaria na II Guerra Mundial. A autora começou a escrever muito nova e em 1943 publicou seu primeiro livro *Perto do Coração Selvagem*. Nesta época, a Literatura Brasileira contava com publicações voltadas para a tendência regionalista, com personagens contando as dificuldades sociais do país. A crítica, por sua vez, se surpreende com o romance clariceano, visto que, o mesmo quebra com os paradigmas da época ao apresentar uma problemática de caráter existencial, uma estilística fragmentária, uma ruptura com o enredo factual, o fluxo de consciência, metáforas insólitas, dentre outras particularidades.

A peculiaridade do estilo clariceano de narrar relaciona-se ao pensamento teórico de Roland Barthes elaborado em *O grau zero da escrita* (2004). O pensador francês propõe que a escrita moderna apreenda a palavra “libertada de toda servidão a uma ordem marcada da linguagem” (BARTHES, 2004, p. 66). O verbo deve ser considerado longe de uma tradição estilística e afastado de uma ideologia triunfante. A palavra é a morada da significação, uma vez que, as relações fixas entre os vocábulos foram abolidas e é através da explosão de palavras, dos não ditos, das insinuações, do indizível, que se constroem os significados. Nesse sentido, o conto “Amor” aponta para essa construção estilística. Além disso, a expressividade da linguagem elaborada por Clarice Lispector nesse conto permitirá o aparecimento de desdobramentos das teorias freudianas.

Em *O mal-estar na cultura* (2010), Sigmund Freud discutiu como a cultura/civilização oprime e aflige o indivíduo ao limitar sua liberdade individual. Para viver na sociedade moderna os indivíduos têm suas atividades e relações sociais regulamentadas através do sacrifício de seus impulsos – sexuais e agressivos. Essas renúncias, impostas pela vida social, geram um mal-estar no sujeito. Para Freud os impulsos sexuais são parcialmente sublimados, enquanto que os impulsos agressivos são recalçados e transferidos ao Superego que os dirige contra o próprio indivíduo gerando, dessa forma, respectivamente, frustração e culpa:

A sublimação dos impulsos é um traço especialmente destacado do desenvolvimento humano (...) a sublimação é, antes de tudo, um destino imposto aos impulsos pela cultura. (...) a cultura está alicerçada na renúncia aos impulsos, o quanto ela pressupõe de não satisfação (repressão, recalçamento ou o quê ?) de impulsos poderosos. Essa ‘frustração cultural’ domina o vaso âmbito das relações sociais do homem; já sabemos que é a causa da hostilidade contra a qual todas as culturas têm de lutar (FREUD, 2010, p. 101 - 102).

Assim, a cultura/civilização mantém sua ordenação e sua harmonia ao aniquilar as pulsões primitivas dos sujeitos:

A sociedade aculturada se obrigou a aceitar em silêncio muitas transgressões que, de acordo com suas regras, deveria ter perseguido. (...) Às vezes acreditamos perceber que não é apenas a pressão da cultura, mas algo na essência da própria função que nos nega a satisfação completa e nos impele para outros caminhos (FREUD, 2010, p. 114-115).

A cultura/civilização, ao negar a satisfação completa ao indivíduo e não se importar com a frustração e a culpa que esses carregam, assume para si as consequências que o desconforto pode gerar. Na construção literária clariceana – o conto “Amor” – a consequência desse mal-estar redundava no devaneio vivido pela personagem Ana.

O conto é narrado em terceira pessoa por um narrador onisciente e onipresente. Ana é caracterizada como um protótipo de mulher ideal: mãe e zelosa dona de casa “(...) dava a tudo, tranquilamente, sua mão pequena e forte, sua corrente de vida.” (LISPECTOR, 2009. p. 28)¹. Entretanto, “Certa hora da tarde era mais perigosa. Certa hora da tarde as árvores que plantara riam dela. Quando nada mais precisava de sua força, inquietava-se.” (p. 28), a personagem experimenta “suspiro de meia satisfação” (p. 27) e uma “íntima desordem” (p. 28):

Sua precaução reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar mais dela, o sol alto, cada membro da família distribuído nas suas funções. Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse **ternura pelo seu espanto — ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido**. Saía então para fazer compras ou levar objetos para consertar, cuidando do lar e da família à revelia deles. Quando voltasse era o fim da tarde e as crianças vindas do colégio exigiam-na. Assim chegaria a noite, com sua **tranquila vibração**. De manhã acordaria aureolada pelos calmos deveres. Encontrava os móveis de novo empoeirados e sujos, como se voltassem arrependidos. Quanto a ela mesma, **fazia obscuramente parte das raízes negras e suaves do mundo**. E **alimentava anonimamente a vida**. Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolhera (p. 29. Grifos nossos).

Através da seleção vocabular, das insinuações e dos não ditos, observados nos fragmentos acima, notamos que Ana padece de um desconforto, de um mal-estar. O narrador demonstra que, apesar de ter desejado e optado por casar e ter filhos, Ana não vive de maneira plena e feliz, já que, nas horas em que está sozinha ou sem ocupações domésticas surgem pensamentos que a afligem e a perturbam. Ana, por sua vez, os reprime, visto que, a vida na sociedade ocidental e moderna designa à mulher uma posição de mãe e mulher casada, principalmente nas décadas de 50 e 60. Aquelas mulheres que abdicam dessa condição são

¹ O conto “Amor” foi publicado no livro *Laços de família* (1960), portanto, nessa análise utilizaremos outra edição: *Clarice na Cabeceira* publicado em 2009, no Brasil, Rio de Janeiro, pela editora Rocco. Doravante, todas as citações do referido conto estarão referenciadas pelas páginas.

malvistas por essa sociedade conservadora. Inserida nesse contexto e sofrendo por reprimir seus desejos a personagem não poderá lutar a favor de seus impulsos.

A infelicidade de Ana em sua “vida de adulto” é evidenciada quando o narrador diz de sua juventude, vejamos:

Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher (...). Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também **sem** a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha — com persistência, continuidade, alegria. **O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável.** Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto. Assim ela o quisera e o escolhera (p. 28. Grifos nossos).

A vida de Ana, no momento da narrativa, não é feliz. Porém, ela repreende e sufoca todos os impulsos que a podem levar a refletir sobre sua situação. Porém, esse estado de letargia de Ana será rasurado pela visão de um homem cego mascando chicles:

Foi então que olhou para o homem parado no ponto.
A diferença entre ele e os outros é que ele estava realmente parado.
De pé, suas mãos se mantinham avançadas. Era um cego.
O que havia mais que fizesse Ana se aprumar em desconfiança?
Alguma coisa intranquila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles (p. 29).

A partir dessa visão, Ana passará a experimentar um processo intenso de devaneio, crise e reflexão, no qual poderá examinar a sua vida. Esse momento de revelação, vivido pela personagem, é chamado de epifania e foi assim teorizado por Affonso Romano de Sant’Anna, em *Que fazer de Ezra Pound* (2003):

Aplicado à literatura, o termo significa o relato de uma experiência que a princípio se mostra simples e rotineira, mas que acaba por mostrar toda a força de uma inusitada revelação. É a percepção de uma realidade atordoante quando os objetos mais simples, os gestos mais banais e as situações mais cotidianas comportam iluminação súbita na consciência dos figurantes, e a grandiosidade do êxtase pouco tem a ver com o elemento prosaico em que se inscreve o personagem.
(...) a epifania é uma obra ou parte de uma obra onde se narra o episódio da revelação (SANT’ANNA, 2003, p. 82).

A epifania seria então um momento de revelação, dentro da narrativa,

motivado por fatos banais e corriqueiros. Essa revelação traz à tona todo um universo de sentimentos da personagem que a mesma não revelava. Em “Amor”, a revelação acontece no sentido de desnudar a Ana o mundo que recalcará:

O bonde se sacudia nos trilhos e o cego mascando goma ficara atrás para sempre. Mas o **mal estava feito** (p. 31. Grifos nossos).

O que chamava de **crise** viera afinal. E sua marca era o prazer intenso com que olhava agora as coisas, sofrendo espantada. O calor se tornara mais abafado, tudo tinha ganho uma força e vozes mais altas. Na Rua Voluntários da Pátria parecia prestes a rebentar uma revolução, as grades dos esgotos estavam secas, o ar empoeirado (...). Junto dela havia uma senhora de azul, com um rosto. Desviou o olhar, depressa. Na calçada, uma mulher deu um empurrão no filho! Dois namorados entrelaçavam os dedos sorrindo... (...) (p. 31. Grifos nossos).

Ela **apaziguara** tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse. Mantinha tudo em serena compreensão, separava uma pessoa das outras, as roupas eram claramente feitas para serem usadas e podia-se escolher pelo jornal o filme da noite - tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro. E um cego mascando goma despedaçava tudo isso. E através da piedade aparecia a Ana uma vida cheia de **náusea** doce, até a boca (p. 31. Grifos nossos).

Assim, os impulsos que permitiriam a Ana uma reflexão sobre a vida e que ela coibia e cerceava começam a voltar, após a visão do cego, e a personagem deixa-se mergulhar no devaneio. A rua suja, desordenada e feia, a vida animal e vegetal do Jardim Botânico passaram a exercer fascínio e repulsa na personagem. A sua vida doméstica, saudável, limpa e bela que levava irá parecer, então, uma maneira estranha de viver:

o mundo lhe parecia seu, sujo, perecível, seu. Abriu a porta de casa. A sala era grande, quadrada, as maçanetas brilhavam limpas, os vidros da janela brilhavam, a lâmpada brilhava – que nova terra era essa? E por um instante a vida sadia que levava até agora pareceu-lhe um modo moralmente louco de viver (p. 34).

A epifania – visão do cego mascando chicletes – irrompe na personagem aqueles desejos secretos, cifrados e camuflados ensejando, em Ana, uma sensação de estranhamento:

A rede de tricô era áspera entre os dedos, **não íntima como quando a tricotara**. A rede perdera o sentido e estar num bonde era um fio partido; não sabia o que fazer com as compras no colo. E como uma

estranha música, o mundo recomeçava ao redor. O mal estava feito. Por quê? Teria esquecido de que havia cegos? A piedade a sufocava, Ana respirava pesadamente. Mesmo as coisas que existiam antes do acontecimento estavam agora de sobreaviso, tinham um ar mais hostil, perecível... **O mundo se tornara de novo um mal-estar.** Vários anos ruíam, as gemas amarelas escorriam (p. 30-31. Grifos nossos).

Nota-se no trecho acima que a rede de tricô e o bonde – coisa e espaço – transitam da instância do familiar para a do não familiar. Ana hostiliza tudo, pois o mal-estar que a acompanha, durante anos, mas que ela recalrava e dissimulava, aflora revelando “o estranho”, que segundo Sigmund Freud:

Segundo Schelling, *unheimlich* é tudo que deveria ter permanecido secreto e oculto mas veio à luz (FREUD, 1976, p. 3).

Esse estranho não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo de repressão (FREUD, 1976, p. 9).

O estranho [unheimlich] seja algo que é secretamente familiar [heimlich], que foi submetido à repressão e depois voltou (...) (FREUD, 1976, p. 11).

Freud argumenta que o estranho é o que provoca medo e é assustador, mas remete a algo que é familiar e conhecido. Assim, aquelas coisas e situações íntimas à Ana transitam para a instância do não familiar, podendo revelar o fenômeno do duplo, que conforme o teórico alemão seria a outra face de nossa psique, a “(...) duplicação, divisão e intercâmbio do eu” (FREUD, 1976, p. 7), que revela aquilo que geralmente escondemos. Em “Amor”, o duplo de Ana aparece em alguns momentos:

Uma expressão de rosto, há muito não usada, ressurgira-lhe com dificuldade, ainda incerta, incompreensível (p. 30).

Ela adormecia dentro de si (p. 31).

A vida que Ana engendrara só existe dentro de sua casa, na rua tudo é diferente, é real. O mundo belo, limpo e ordenado é fantasia de seus recalques. Agora, a personagem tem consciência disso e é essa percepção que a perseguirá como seu duplo: “Os dias que ela forjara haviam-se rompido na crosta e a água escapava. Estava diante da ostra. E não havia como não olhá-la” (p. 35). Sendo assim, podemos verificar, durante a leitura do conto, que a personagem Ana é

envolvida por uma angústia durante a epifania.

A angústia, fruto dos devaneios epifânicos, segundo Benedito Nunes em seu artigo *A náusea*, pode gerar a náusea e o vômito como uma forma emocional violenta da angústia. Isso ocorre porque, a angústia traduz a liberdade da consciência que contamina o ser, intensifica a grandeza e a miséria do homem:

o mal-estar da angústia provém da insegurança de nossa condição, que é como possibilidade originária, puro estar-aí (...). Abandonado, entregue a si mesmo, livre o homem que se angustia vê diluir-se a firmeza do mundo. O que era familiar torna-se-lhe estranho, inóspito. Sua personalidade social recua. O círculo protetor da linguagem esvazia-se, deixando lugar para o silêncio (NUNES, 1976, p. 95).

Logo, o narrador do conto clariceano refere-se à “náusea doce” que sobe até a garganta de Ana, que em nosso entendimento seria a manifestação extrema de seu desconforto. Inicialmente, o incômodo e a insatisfação da personagem Ana foi construído através do processo de silenciamento e dos não ditos do texto. Entretanto, a construção literária transmuta-se, pois a epifania conduz as meias palavras as palavras inteiras, facultando ao narrador a expressão máxima do mal-estar.

O mal-estar da personagem de Clarice Lispector é produto da sociedade moderna, que se estrutura sobre o recalque dos impulsos do indivíduo. Contudo, esse mal-estar desdobra a personagem ao permiti-la a observação de sua outra face, o duplo. Esse fenômeno sucede devido à revelação epifânica de todo o processo de estranhamento.

Porém, Ana será resgatada de seu devaneio pelo marido, pelos filhos e pela sua própria casa. Esse estado de angústia e mal-estar intensos passa e ela volta a sua vida normal:

Acabara-se a vertigem de bondade.
E, se atravessara o amor e o seu inferno, penteava-se agora diante do espelho, por um instante sem nenhum mundo no coração. Antes de se deitar, como se apagassem uma vela, soprou a pequena flama do dia (p. 38).

A epifania passa, assim como, a angústia. A vida volta a ser como era antes, sem nenhuma modificação. A personagem não se liberta de sua vida anterior e segue o chamado do cego, porque:

Para Clarice Lispector a náusea apossa-se da liberdade e a destrói. É um estado excepcional e passageiro que, para a romancista, se transforma numa via de acesso à existência imemorial do ser sem nome, que as relações sociais, a cultura e o pensamento apenas recobrem (NUNES, 1976, p. 101-102).

Portanto, a civilização/cultura/sociedade opressora não permite que essa mulher – Ana – possa aceitar o chamado do cego e viver uma vida nova e livre. A epifania será sacrificada em prol do todo, da ordem cultural.

Assim, continuaremos a refletir sobre as “mazelas” causadas pelo mal-estar social em outro escritor do século XX.

Caio Fernando Abreu

Na direção estética da prosa clariceana desenvolvem-se as criações literárias de Caio Fernando Abreu (1948-1996): narrativas introspectivas e rompendo com o modelo literário da época. Como vimos anteriormente, os textos de Clarice Lispector se estruturam sobre a palavra, essa assumindo a morada da significação. Portanto, em Caio a objetividade e clareza serão critérios de elaboração literária, esse fato deve-se a carreira jornalística do prosador. Com dois livros publicados em 1970 *Limite branco* e *Inventário do irremediável*, será somente com *O ovo apunhalado* (1975) que Caio Fernando Abreu obterá reconhecimento junto à crítica.

Caio Fernando Abreu opta por uma linguagem e um efeito narrativo distinto do cânone literário vigente na década de 70. O contista incorpora em seu discurso elementos da oralidade, gírias, simbologias orientais, além de aderir aos parâmetros da contracultura e ao ideário hippie.

O ovo apunhalado (1975) apresenta alguns indícios das inovações literárias elaboradas por Caio Fernando Abreu. A obra é dividida em três capítulos que foram nomeados a partir do alfabeto grego: alfa, beta e gama². Desse livro, selecionamos o conto “O afogado” para empreender uma leitura do “mal-estar” presente na modernidade.

Vimos anteriormente que Sigmund Freud discutiu em *O mal-estar na cultura* “(...) o desconforto sentido pelo indivíduo em consequência dos sacrifícios

² Segundo Jean Chevalier: “As letras representam o início, desenvolvimento e o fim do alfabeto grego. Por considerar-se que contêm a chave do universo, ele está inteiramente encerrado entre duas extremidades, a saber, Alfa e ômega, os quais simbolizam, portanto, a totalidade do conhecimento, a totalidade do ser, a totalidade do espaço e tempo” (1996, p. 80).

pulsionais exigidos pela vida social” (ROUANET, 1993, p. 96). Entretanto, Sérgio Paulo Rouanet analisa como esse incômodo percebido pelas pessoas cambiou:

O mal-estar é inerente a qualquer tipo de civilização, em qualquer estágio evolutivo. Mas podemos presumir que ele se revisa de formas específicas conforme o período histórico. Ele foi um no início da vida social, outro nas cidades antigas, outro nos grandes impérios, outro no feudalismo, outro na monarquia absoluta. Em nossos dias, podemos falar num mal-estar moderno, ou num mal-estar na modernidade. É a forma contemporânea assumida pelo mal-estar na civilização. (...) tratando-se de um mal-estar na modernidade, o ressentimento se dirige contra o modelo civilizatório que dá seus contornos à modernidade: o Iluminismo (ROUANET, 1993, p. 96-97).

Assim, o desconforto gerando na modernidade provém das frustrações causadas pelo insucesso do projeto iluminista. O Iluminismo, do século XVIII, cujo um dos objetivos era interromper com o Regime Absolutista, no qual a dominação religiosa subjugava a todos, irá repercutir nos séculos posteriores. O Século das Luzes, como ficou conhecido o referido período, defendia a liberdade de pensamento. Seus pensadores acreditavam que somente através da razão encontraríamos explicações para os fenômenos naturais e sociais.

O projeto iluminista percorrerá os séculos precedentes visando uma emancipação da humanidade. Utilizando-se de um conjunto de ideais e valores, que focalizam basicamente três tendências: o racionalismo, o individualismo e o universalismo:

O racionalismo (...) emancipar significava racionalizar, tanto no sentido negativo de libertar a consciência humana tutelada pelo mito, como no sentido positivo de usar a ciência para tornar mais eficazes as instituições econômicas, sociais e políticas, aumentando com isso a liberdade do homem como produtor e consumidor de cultura, como agente econômico e com cidadão.

O individualismo (...). Emancipar implicava individualizar, desprender o homem das malhas do todo social.

O universalismo (...). Emancipar equivalia a universalizar, a dissolver os particularismos locais, removendo assim as causas dos conflitos entre os homens (ROUANET, 1993, p. 96-97).

Contudo, ao ser institucionalizado, o projeto iluminista passa a ser vivido como opressivo pelos indivíduos, visto que, para fazer valer as novas práticas métodos coercitivos serão empregados. Assim, com o passar dos anos os mitos, as superstições e a vivência coletiva voltam a ganhar destaque, além disso, o

universalismo sucumbe ao particularismo. Nesse sentido, os sujeitos que esperavam por uma libertação e não a conseguem apreciaram um desconforto, um mal-estar.

No que tange a essa configuração teórica, o médico, personagem do conto “O afogado”, vive esse mal-estar. O doutor, morador de uma ilha de pescadores que sucumbia ao tempo – “casas, algumas caiadas de branco (as mais ricas), a maioria simplesmente sem reboco, o barro aparecendo endurecido entre os tijolos escuros” (ABREU, 2001, p. 41)³ – e ao sol escaldante – “Quase cambaleou com o sol pesando súbito no topo da cabeça, precisou apoiar o braço contra os tijolos de uma parede sem reboco (...)” (p. 41) –, sofria de um sentimento desconfortante e angustiante que o conduzia a um estado de letargia, denominado pelo narrador como tédio:

Aconteceu alguma coisa, pensou **entediado**, como se aquilo se repetisse há muito tempo, e como se qualquer curiosidade ou acontecimento fossem antigos e conhecidos, embora inesperados. Como se não houvesse mais nada a surpreender — pensou **lentamente** que alguma coisa havia acontecido. No mesmo momento ouviu que batiam – há quanto tempo? – à porta do quarto, e uma voz gorda de mulher repetia:

– Doutor, aconteceu alguma coisa na praia.

Abriu a porta e desceu as escadas **contando** degraus, a mão amparada pelo corrimão de madeira descascada, **sem a menor pressa** (p. 40. Grifos nossos).

O médico ouviu um grito desesperado de um menino, mas não se surpreendeu, muito menos, se assustou. Ele se encontrava em um estado de apatia que é fruto da sociedade na qual está inserido:

Visitou algumas casas, os doentes escassos, nunca houvera muito a fazer por ali, tratava-os com uma seca cordialidade que, para todos, era a marca de um homem bom, embora incógnito. Não se permitia excentricidades, e por excentricidades abrangia uma série infindável de atitudes, desde dividir a cachaça do entardecer no bar dos pescadores, mostrar a si mesmo ou evidenciar carências. Alguns, talvez, o julgassem orgulhoso. Era. **Carregava com alguma dificuldade uma aceitação tão grande e silenciosa, tão absurda no seu quase mutismo e absoluta desnecessidade de comunicá-la ou demonstrá-la, sobretudo tão óbvia, lhe parecia, que parecia também que nenhuma daquelas pessoas seria capaz de compreendê-lo, da mesma forma como não compreenderiam a sua própria e pesada, intransferível, indivisível carga.** Passava

³ O conto “O afogado” foi publicado no livro *O ovo apunhalado* de 1975. Portanto, nessa análise, utilizaremos a edição do livro publicado em 2001, no Brasil, Porto Alegre, pela editora L&PM. Doravante, todas as citações do referido conto estarão referenciadas pelas páginas.

com sua roupa branca, todos os dias — e não era nem mais nem menos assustador que qualquer outro dos homens, ou qualquer das casas. Ninguém se indagaria em profundidade, e vistos superficialmente eram todos iguais. **Apenas aceitavam — ele, como todos —, e aceitar era uma forma de compreender.** (p. 45. Grifos nossos).

A insatisfação e o desconforto, perante a situação na qual vivia, levava o doutor a comunicar-se cada vez menos com os populares. Essa comunidade, alicerçada em uma vida rotineira, com padrões tradicionais de comportamento baseados na moral cristã, impõe crenças, superstições e valores, os quais ele, como sujeito do Iluminismo, deseja superar:

Foi no meio da praça que encontrou com o padre (...)
- O senhor sabe que a nossa comunidade, graças a Deus e aos meus modestos mas desvelados esforços, a nossa comunidade prima pela decência, pelos bons costumes e a moral elevada. (p. 45).

Além disso, a vivência nesse local centrava-se na coletividade, uma vez que, a ilha possuía apenas “duas dúzias de casas” (p. 41). Esse fato resulta no achatamento das individualidades:

Encarar sem emoção a perdição alheia e a própria perdição, porque não havia distinções nem individualidades (...) (p. 43).

(...) a massa que exigia, não permitindo que alguém se individualizasse ou protegesse um mistério qualquer — pois que era fundamental para a sobrevivência de todos que as vidas fossem identicamente claras — tão claras que o sol pudesse vará-las como varava as janelas constantemente abertas (...) (p. 48).

A estruturação da linguagem, presente no conto, admite a compreensão de que o médico, sujeito da ciência, da razão, percebia que todas as pessoas e coisas ao seu redor coíbiam sua autonomia enquanto homem iluminista. Assim, o tédio que o acomete é sintoma do mal-estar presente na modernidade.

A monotonia do médico e, de certa maneira da comunidade –

Sem conseguir evitar, novamente o médico pensou nas estrelas cadentes e nas prováveis cismas daquelas cabeças queimadas, quase uniformes em seus olhos esverdeados de sol, suas roupas esfarrapadas, seus gestos precisos e poucos, embora marcados pela lentidão do cansaço — o cansaço dos que esperavam por um acontecimento indefinido, capaz de fazê-los movimentarem-se subitamente com mais vontade, talvez com medo. Precisavam do temor como quem precisa de um sentido (p. 41).

–, foi quebrada pelo aparecimento de um homem na praia. O doutor prestou socorro e não deixou que ninguém se aproximasse do rapaz, pois o mesmo poderia trazer um novo surto de peste para a vila. Ele verificou que o rapaz não estava morto:

– Está vivo — disse, e podia sentir contra a aspereza da barba não-feita as batidas tênues dentro do peito do outro.

O menino começou a fazer sinais agitados para os pescadores, que desceram em bandos sôfregos pelas encostas das dunas. Então o médico ergueu os olhos e viu o rosto do afogado. E o rosto de homem não era ainda um rosto de homem: uma adolescência indefinida (...). Como a protegê-lo do sol, do mar, do menino que dava voltas em torno deles, exigindo uma participação naquilo que descobrira. Tirou a camisa para cobrir o rosto dele, depois ergueu-o suavemente pelos ombros e ficou esperando que alguém o ajudasse (p. 42).

Nota-se que o médico é o único a ver a fisionomia do rapaz, visto que, ele encobriu-lhe a cabeça. O médico se responsabilizou pelos cuidados para com o rapaz, levando-o para o quarto que habitava na pensão da ilha. Contudo, especulações em relação ao moço surgiram: quem era? De onde vinha? Como chegou ali? Era um criminoso? Viria a abalar os bons costumes daquela comunidade? Segundo Jean Chevalier em seu *Dicionário de símbolos* (1996), a cabeça “devido à sua forma esférica é comparável a um universo, a um microcosmo. Esses sentidos convergem para o simbolismo do único, da perfeição, do sol e da divindade” (p. 152). Além disso, a cabeça é um dos símbolos da razão e o rosto é a exposição de sua identidade. Ao ocultar a identidade do moço, o médico permitiu que a população, contaminada pelo misticismo, iniciasse fabulações referentes ao afogado:

– Mas o senhor não perguntou quem era, de onde vinha, como veio dar na praia? Deus me livre, pode ser algum criminoso, a gente nunca sabe.

– Não, não perguntei nada — disse secamente. E acrescentou: – Ele não está em condições de falar.

A mulher sacudiu os ombros:

– Está bem, mas não me responsabilizo por nada. O senhor é que sabe (...) (p. 44).

Ao negar explicações condizentes à situação do desconhecido à população, o doutor concedeu margem para que os habitantes da ilha pudessem fantasiar mais e mais sobre o “outro”.

A presença do rapaz, único personagem do conto portando um nome próprio, Alfa⁴, que lhe conferia individualidade e singularidade, inevitavelmente modificou o cotidiano da comunidade. Os populares não estavam preparados para situações que quebravam com a monotonia, já o médico foi o único a ser tocado pela novidade, uma vez que, ele já não se sentia confortável naquele ambiente. Percebe-se, ao longo da narrativa, que sentimentos como o tédio, a tristeza e o desconforto acompanhavam o médico, mas esse os recalcava e aceitava a condição de vida lhe imposta pela comunidade:

O céu muito escuro: naquela noite, não haveria estrelas cadentes. Passou as mãos pelos braços. Não conseguia aterrorizar-se, e há muito tempo não sentia frio. Fizera seu aprendizado de solidão enquanto as coisas sentidas a cada dia tornavam-se mais e mais semelhantes, para finalmente permanecerem numa massa informe a escorrer monótona por dentro dele, alterando-se apenas em insignificantes cintilações cotidianas. Apenas reagia. Tudo ali estaria para sempre excessivamente silencioso para que se pudesse soltar um grito ou chorar sozinho no escuro, como nos primeiros tempos. E ainda que gritasse: o silêncio seria maior e mais desesperado que qualquer grito, porque todos gritavam e agiam da mesma forma, calada e idêntica. Mesmo o respeito com que o cercavam não chegava a ser exatamente o reconhecimento de uma superioridade: não passava de um frio constatar do ser do outro (p. 42).

As suas dores mais profundas que antes eram negligenciadas são iluminadas pela presença do “outro”. A prática médica, por exemplo, antes exercida de modo descuidado, após a chegada do rapaz, passou a ser um martírio para o doutor: “E só depois de pensar com desgosto em outro dia repleto de queixas e feridas, o cheiro de álcool, o nojo contido (...)” (p. 44). O desconhecido alavancou no médico esses sentimentos recalcados que o incomodavam.

Por conseguinte, as considerações de Sigmund Freud sobre o sentimento de estranheza gerado pela transmutação de sensações familiares em não familiares, apresentadas na análise anterior, novamente fazem-se relevantes. Visto que, o desconforto camuflado pelo médico irá irromper à superfície de sua vivência, permitindo o afloramento do “fenômeno do duplo”, “a duplicação, a divisão e o intercâmbio do eu” (FREUD, 1976, p. 7), que pode revelar aquilo que geralmente procuramos esconder. Logo, o rapaz, o “afogado”, o “outro”, o desconhecido, o “estranho” pode ser encarado como a outra parte, o duplo do médico:

⁴ Primeira letra do alfabeto grego

(...) esta tua chegada modificará em mim todas as coisas que se tornaram suaves todas as cordialidades ou amenidades que construí nesse tempo de absoluta sede ansiava por ti como quem anseia pela salvação ou pela perdição porque qualquer coisa poderia me salvar desta imobilidade que me devasta por dentro te direi apenas para sobreviver mas já não quero sobreviver já não quero apenas ir adiante é preciso que qualquer coisa abata esta letargia porque já não admiro precariedades por que não sei o que digo nem o que sinto mas persistirei no que pressinto ainda que tudo isso seja um lento processo de morte (...) **há muito tempo eu permanecia esquecido de mim mesmo foi preciso que chegasses para eu perceber que somente destruindo se pode construir** (...) todos percebam em ti o que nunca viram (...) (p.46-47. Grifos nossos).

O reconhecimento no outro de aquilo que desejamos para nós, justifica o forte vínculo que ligará o médico e Alfa. O jovem revela ao médico todas as possibilidades de uma vida fora daquela clausura, o que existe fora dos limites daquela ilha, o que o médico, sujeito iluminista, racionalista, poderia estar experienciando:

Ele era aquele homem lá em cima — toda a distância de outras terras, paisagens feitas não só de mar e montanhas, mas de outros elementos que ela não conseguia sequer supor, a não ser por velhas histórias, tão esgarçadas quanto inverossímeis. Ele era o inverossímil. **Ele era a possibilidade negada de ampliar a visão** (p. 44. Grifos nosso.).

No entanto, à população da ilha Alfa é um “desconhecido”, um “estranho”, um de fora, que pode perturbar a ordem estabelecida ou ameaçar os costumes tradicionais. Logo, o rapaz passa a configurar na fabulação daquela população como uma ameaça e, como tal, deve ser aniquilada. Assim, a população da vila mata aquele que lhes incomodava e quebrava com seu cotidiano, atingindo-lhe a cabeça, a identidade: “(...) e viu-o [Alfa], no meio da multidão enfurecida, os braços baixavam e abatiam-se sobre sua cabeça repetidas vezes” (p. 50). Os golpes na cabeça simbolizam a destruição de um universo paralelo àquele da Ilha. O assassinato do desconhecido, do estranho, do outro pela população representa, de certa maneira, o aniquilamento daquilo que lhes causavam desconforto, perigo e medo. Uma vez que, Alfa traduzia tudo aquilo que estava além do domínio daquela população, todo o sistema urbano, capitalista, resultante do projeto iluminista.

O ataque da multidão enfurecida ao rapaz, também, pode ser relacionado às exposições elaboradas por Freud em *O mal-estar na cultura*. Visto que, a

comunidade da ilha vivia reprimida, norteava sua conduta por preceitos tradicionais que regulavam suas atividades e relações sociais, através do sacrifício de seus impulsos – sexuais e agressivos –, outra vez Freud:

A sublimação dos impulsos é um traço especialmente destacado do desenvolvimento humano (...) a sublimação é, antes de tudo, um destino imposto aos impulsos pela cultura. (...) a cultura está alicerçada na renúncia aos impulsos, o quanto ela pressupõe de não satisfação (repressão, recalçamento ou o quê ?) de impulsos poderosos. Essa ‘frustração cultural’ domina o vasto âmbito das relações sociais do homem; já sabemos que é a causa da hostilidade contra a qual todas as culturas têm de lutar (FREUD, 2004, p.101 - 102).

Logo, o ataque ao rapaz, o “outro”, o “estranho” demonstra um momento em que os impulsos agressivos, normalmente, controlados, sublimados, como apontou Freud, vieram à tona, rompendo com a estruturação, com o equilíbrio, tal como, àquela sociedade.

Enquanto Alfa era assassinado o médico se escondeu, para poupar sua vida. Assim, após os populares se afastarem, ele vai ao local onde deixaram o cadáver do rapaz:

Esperou que todos se afastassem e voltou. Escurecia aos poucos. Quando alcançou o corpo, uma chuva fina começou a cair. O vento tinha cessado. A chuva pouco a pouco adensada: tomou entre as mãos a cabeça destrocada e ficou olhando durante muito tempo para dois olhos azuis escancarados. O sangue ainda escorria. Quente. Quando a noite baixou, arrumou cuidadoso o cadáver lavou as manchas de sangue do rosto, depois foi entrando lentamente no mar. Antes de mergulhar olhou para cima e, embora chovesse, inúmeras estrelas cadentes riscavam o céu de ponta a ponta (p. 51).

O médico entra no mar com o corpo do rapaz e o conto termina. Desse modo, pode-se inferir que o médico, pelo desejo de ser do outro, ao entrar no mar se suicida. A morte pode ser uma saída para se libertar da sociedade opressora, além disso, o mar simboliza a dinâmica da vida, tudo sai do mar e retorna a ele. Nesse sentido, Alfa retorna de onde veio pelos braços daquele que se sentia sufocado pela comunidade tradicional, não iluminista.

Compreende-se então que, Caio Fernando Abreu, articula seu conto a um dos tópicos fundadores da década de setenta: a liberdade, que se torna a alavanca para uma individualidade plena e feliz. Se essa for cerceada, a morte pode ser uma

saída. Assim, o médico vê no suicídio a libertação de uma existência cruel e insensata, enquanto a comunidade da ilha vê na morte do diferente, do “outro”, do “estranho”, do desconhecido a manutenção do equilíbrio social.

Considerações finais

O presente trabalho objetivou apresentar uma leitura dos contos “Amor” do livro *Laços de Família* (1960) de Clarice Lispector e “Afogado” do livro *O ovo apunhalado* (1975) de Caio Fernando Abreu com a finalidade de analisar como o “outro” é construído.

Em o “Amor”, verificamos que o “outro” é fruto do mal-estar presente na sociedade moderna, conforme teorizou Sigmund Freud. O mal-estar vivido pela personagem Ana, cujos impulsos são recalcados pela civilização opressora, possibilita o aparecimento do sentimento de estranhamento que por consequência resulta no fenômeno de aparecimento de seu duplo, o desdobramento de seu eu.

Já em “O afogado”, examinamos que o “outro” é um personagem com identidade própria e singularidade. Esse surge na narrativa para evidenciar o mal-estar vivido pelo médico diante da comunidade que o sufoca. Esse mal-estar é reflexo do fracasso do modelo iluminista nessa comunidade, conforme teorizou Sergio Paulo Rouanet. Assim, o “outro” revela sentimentos camuflados pelo médico, assim como pelos demais populares.

Referências

- ABREU, C. F. **O ovo apunhalado**. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- BARTHES, R. **O grau zero da escrita**: seguido de novos ensaios críticos. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CHEVALIER, J. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
- FREUD, S. O estranho. In: **História de uma neurose infantil e outros trabalhos**. Vol.17. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.
- _____. **O mal-estar na cultura**. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- LISPECTOR, C. **Clarice na Cabeceira**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- NUNES, B. **O dorso do tigre**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ROUANET, S. P. Mal-estar na modernidade. In: **Mal-estar na modernidade: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. P. 96-119.

SANT'ANNA, A. R. de. **Que fazer de Ezra Pound**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2003.